



IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE
III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia
26 a 29 de outubro de 2009 - PUCPR

VIOLÊNCIAS NAS ESCOLAS: MEDIAÇÃO DE CONFLITOS E O CLIMA ESCOLAR

PACIEVITCH, Thais – PUCPR
thais_831@hotmail.com

GIRELLI, Eliane - PUCPR
girelliluz@hotmail.com

EYNG, Ana Maria – PUCPR
ana.eyng@pucpr.br

Eixo Temático: Violências nas escolas
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

O artigo tem como tema de investigação as violências nas escolas, com ênfase no clima escolar e na mediação de conflitos como estratégia para a melhoria desse clima. O estudo se justifica pela atualidade e relevância do tema, pois as manifestações de violências nas escolas podem se agravar por falta de intervenção diante dos conflitos que as originaram. O conflito, culturalmente visto como negativo, é uma experiência inerente ao ser humano, necessário para seu desenvolvimento e aprendizagem. No entanto, quando não tratado, o conflito pode dar origem a violência. O problema que orienta a reflexão procura elucidar a seguinte questão: Quais as possibilidades da mediação de conflitos como estratégia para melhorar o clima escolar? O objetivo do trabalho é, portanto, situar a questão das violências a partir dos conflitos e dos relacionamentos interpessoais e suas influências no clima escolar, e apontar a mediação como uma possibilidade de intervir com vistas a melhoria do clima escolar. A análise da questão proposta se apóia nos argumentos teóricos de Michaud (1986), Vezzulla (1998) e Moore (1998), Chauí (1999), Fante (2005), Fernández (2005), Eyng (2007), Crhispingo (2007). A pesquisa foi realizada em duas escolas públicas – uma estadual e uma municipal – de um mesmo bairro do município de Curitiba. Os dados coletados que a percepção dos alunos quanto ao relacionamento com professores e colegas, indicada como positiva, diverge, em alguns casos, da percepção dos mesmos em relação aos problemas que a escola apresenta. A partir da análise de dados, focos de conflito foram expostos, tais como a falta de professores, brigas, indisciplina, etc., sendo estes potencialmente resolvidos se a mediação de conflitos for utilizada como estratégia, evitando que dos conflitos não ou mal resolvidos gerem violência e conseqüentemente, influenciem o clima da escola.

Palavras-chave: Violências nas escolas. Clima escolar. Mediação de conflitos.

Introdução

O aumento na incidência e/ou a diversificação nas formas de manifestações das violências nas escolas e suas implicações no clima escolar devem ser analisados a partir do contexto sócio – político – cultural de cada instituição, sem desconsiderar as influências da visão economicista inerente as políticas neoliberais e da concepção de homem e de mundo que tais políticas propagam e/ou reforçam em nível global.

Conseqüência de uma série de fatores, as violências nas escolas se apresentam como um dos obstáculos a melhoria da qualidade da educação básica do Brasil, principal desafio enfrentado pelo Sistema Educacional, atualmente. Importante salientar que a qualidade pretendida a que nos referimos não é a “qualidade total”, focada na maior produtividade com menos gastos, no “produto”, ou mesmo na aquisição de “competências” (para a inserção no mercado do trabalho), e sim a qualidade que garanta uma aprendizagem significativa, crítica e reflexiva, capaz de garantir a cada sujeito as condições para que se torne o protagonista de sua própria história.

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), comentados no relatório da UNICEF (2009, p. 13), 97,6% das crianças entre 7 e 14 anos estão na escola. Embora seja um avanço inegável, o aumento - próximo à universalização - do acesso das crianças entre 7 e 14 anos ao Ensino Fundamental (a partir de 2010, será obrigatório dos 6 aos 14 anos), tal avanço traz consigo novos e grandes desafios, sobretudo em relação a formação de professores. Historicamente, os professores tiveram como alunos apenas uma pequena parcela da população brasileira, geralmente semelhante quanto as suas origens sócio-culturais. No entanto, a partir dos anos 90, com o aumento do número de escolas, e conseqüentemente de alunos, os professores passaram a receber alunos diferentes do “padrão” ao qual já haviam se habituado, dando origem a diferentes conflitos, que se não trabalhados, podem gerar violência.

Paralelamente, nesse mesmo período, o ideário neoliberal se consolidou na sociedade, e suas características passaram a influenciar a educação não só por meio das políticas públicas. O consumismo (promovido pelos meios de comunicação), e a competitividade (entre as pessoas), estabelecidos como *modus operandi* da sociedade ocidental, adentraram a escola por meio de seus próprios integrantes, sejam professores, sejam funcionários, sejam alunos.

O caráter oculto da lógica neoliberal é apontado por Candau, Lucinda e Nascimento (1999):

A hegemonia do projeto neoliberal, que caracteriza o momento atual brasileiro, tem contribuído para reforçar (...) o processo de desintegração social. O mercado torna-se o elemento central de estruturação social, transformando em mercadoria não somente os produtos materiais mas também as relações humanas, e se organiza segundo uma lógica própria, na qual o poder e os benefícios trazidos pela produtividade e o consumo concentram-se nas mãos de determinados grupos sociais. Desta forma, pode-se afirmar que sua lógica possui um caráter excludente e seletivo. (p. 14)

Como conseqüência, são intensificados o conflito e as violências nas escolas, tendo como agravantes a desigualdade social e a diversidade cultural que nela estão inseridas, além do despreparo dos professores para tratar tais temáticas. Nesse contexto, o clima das escolas está cada vez mais deteriorado, posto que são crescentes o desinteresse dos alunos pelos conteúdos escolares, o descomprometimento dos professores com a aprendizagem, e conseqüentemente, as manifestações de violências nas escolas.

A reflexão buscou analisar a questão da Violência e das violências nas escolas com subsídios nos estudos de Michaud (1986), Chauí (1999), Eyng (2007); o Clima escolar e violência nas escolas referendado em Fante (2005), Fernández (2005) e Ventura (1999); e Mediação de conflitos no contexto escolar apoiado em Crhispino (2007), Battaglia (2003), Vezzulla (1998) e Moore (1998).

Além de situar a questão das violências, dos conflitos e dos relacionamentos interpessoais e suas influências no clima escolar no contexto educacional brasileiro, com base nesses autores e nas percepções dos alunos entrevistados, se coloca a seguinte questão: Quais as possibilidades da mediação de conflitos como estratégia para melhorar o clima escolar?

Violência e violências nas escolas

Diversos autores, a luz de diferentes áreas do conhecimento, tentaram definir a violência. Em cada uma dessas áreas surgiram diferentes conceitos, e foram apontadas diferentes causas da violência. Para Michaud (1986):

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de forma direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas

em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (p. 10-11)

A definição de Michaud é ampla, pois aponta não só os atos de violência, mas também seus contornos sociais (violência social) e seus efeitos. Contrapondo violência e ética, outra definição abrangente é de Chauí (1999), apud Schilling (2004, p. 38):

(...) violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e o terror. A violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade, como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos e inertes ou passivos.

A abordagem de Chauí aproxima ainda mais o conceito de violência das questões políticas e sociais advindas da concepção neoliberal, da “coisificação” humana e da violação dos direitos humanos.

Quanto aos tipos, as violências podem ser classificadas de diversas formas. Uma das formas de classificação descreve três grandes tipos de violência: a estrutural (desigualdade social, negação de direitos humanos), a física (dano físico, uso de força) e a simbólica (constrangimento, humilhação, relações de poder). (CNBB, 2009, p. 48)

Outros tipos de violência poderiam ser descritos, tais como: violência intra-familiar, violência fruto do preconceito (racial – negro e índios; de gênero – mulher; homofobia; grupos sociais; entre outros); violência no trânsito; violência contra a natureza; violência sexual; entre outras. No entanto, subentende-se que esses tipos de violência poderiam ser categorizados em uma ou mais tipos de violências já descritas: estrutural, física e simbólica.

As violências são um fenômeno que não se restringe às escolas de periferia das grandes cidades, nem somente às escolas públicas, embora nestas a exploração de qualquer ocorrência pela mídia seja cotidiana. Ao tratar da temática da violência no contexto escolar, usa-se o termo no plural, o que é explicado pelo fato de tratar-se de um fenômeno complexo e multifacetado que ocorre em lugares específicos, caracterizados pela diversidade (EYNG, 2007).

Clima escolar e violências nas escolas

A escola é, em certo sentido, uma espécie de caixa de ressonâncias das turbulências que ocorrem nos diferentes meios sociais de onde procedem seus integrantes, o que leva a afetar sua vida na escola, interferindo no relacionamento com colegas e professores.

Vários são os fatores que podem colaborar para que se propiciem as violências nas escolas, tais como: fatores sociais; insegurança dentro da família; indivíduos com problemas de dificuldade emocional, problemas de autocontrole e problemas de relações humanas. Fante (2005) salienta que:

Fatores externos são decisivos na formação da personalidade do aluno, pela influência que recebe no seu contexto familiar, social e pelos meios de comunicação (...) os fatores internos, que podem ser classificados em três: o clima escolar, as relações interpessoais e as características individuais de cada membro da comunidade escolar (p.168).

Segundo a autora os fatores externos e internos influenciam na formação do indivíduo e que professores e alunos dão valores diferentes à mesma ação e reagem diferentemente ao mesmo ato, gerando assim um conflito na convivência. Afetam o clima escolar e dificultam a convivência no espaço, podemos então constatar que pela diferença entre os posicionamentos, haja conflitos.

De acordo com a autora o clima depende de vários fatores que podem ser favoráveis ou não, considerando-se que cada escola tem um clima, visto que cada uma é composta por pessoas diferentes, cada qual com seus métodos, sendo que todos visam à aprendizagem dos membros que as integram.

Fenández (2005, p.21) descreve que um clima escolar favorável pressupõe: “objetivos educativos com ênfase em aprender; normas e procedimentos firmes, justos e consistentes e consciência de atenção e interesse pelas pessoas”.

Segundo Ventura (1999, p.01), vários são os fatores que podem interferir no clima escolar, como a estrutura física do educandário, a estrutura organizacional, a cultura, enfim as pessoas que fazem parte daquele meio.

A estrutura familiar e o contexto social em que a escola está inserida também influenciam o ambiente, pois é através deste que dependerá o bom relacionamento no ambiente escolar, pois envolve toda a comunidade escolar.

A escola recebe diversas pessoas, de origens e culturas diferentes, propiciando assim uma situação conflituosa, manifestando-se assim a violência.

Sobre a violência no ambiente escolar, segundo Werthein (2002), apud Abramovay (2002):

As violências nas escolas têm identidade própria, ainda que se expresse mediante formas comuns, como a violência de *facto* – que fere, sangra e mata – ou como incivildades, preconceitos, desconsiderações aos outros e a diversidade. Realizam-se, ainda, no plano simbólico, correndo o risco de naturalizar-se, principalmente quando têm lugar nas ligações entre pares, alunos. E se infiltram, em outra antítese, nas relações entre professores, outros funcionários e alunos, demandando (...) o exame desse e de outros laços sociais (p. 24).

O que percebemos nos últimos anos é que os seres humanos enfrentam dificuldades de relacionamentos, que se manifesta de várias formas e nos mais variados ambientes. No ambiente escolar essas manifestações estão bem evidentes, elas variam desde a agressividade até atos violentos, ocasionando um clima escolar desfavorável para a aprendizagem.

Fernández (2005, p.24) descreve que “o fenômeno da violência transcende a mera conduta individual e se converte em um processo interpessoal, por afetar pelo menos dois protagonistas: aquele que a exerce e aquele que a sofre”. Portanto, essas manifestações vêm afetando a instituição escolar na sua prática e nas suas relações, ou seja, afetando o clima escolar.

Os grandes problemas da sociedade atual são responsáveis pelas manifestações que propiciam um ambiente de agressividade, delinquência, atitudes anti-sociais. Fernández (2005) diz que:

a pobreza é a maior forma de violência. Ela está expressa no quadro da miséria, na má distribuição de renda, nos baixos salários, na exploração dos trabalhadores, nas crianças de rua trabalhando indevidamente e muitas vezes – prostituindo-se, drogando-se, traficando, roubando e mendigando – na falta de condições mínimas para uma vida digna, na precária assistência em educação e saúde (p.169).

Conforme a autora a própria estrutura social é um dos motivos que desencadeia a violência, tornando-se um problema das políticas públicas.

Sendo assim, o contexto escolar este imerso em uma sociedade que influencia diretamente a escola. Os jovens mudaram o comportamento em sala de aula, levando a um

clima escolar desfavorável, movido muitas vezes pela falta de solidariedade, falta de consciência, medos, insegurança, visto que o clima escolar é o elo necessário para uma tarefa educativa gratificante para ambos.

Mediação de conflitos no contexto escolar

O conflito, culturalmente visto como negativo, é uma experiência inerente ao ser humano, necessário para seu desenvolvimento e aprendizagem. Segundo Crhispingo; Crhispingo (2002) in Crhispingo (2007, p. 15), “conflito é toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento.” A partir dessa definição, desde crianças, todos vivenciam experiências de conflito, que podem ser intrapessoal (o conflito consigo mesmo, a tomada de decisões), ou interpessoal (separação de casais, brigas entre sócios, desentendimento entre alunos).

Os conflitos na/da escola, ocorrem tanto pela diferença de desejos e interesses, quanto pelo próprio conflito generacional. Embora o conflito seja visto como algo negativo, Forger e Bush (1999) apud Sales (2004, p. 91) defendem que

o conflito em si é potencialmente transformativo, ou seja, a argúcia oferece aos indivíduos a oportunidade de desenvolver e integrar suas capacidades de força individual e empatia pelos outros (...) os processos de intervenção como a mediação podem ser elaborados de modo a captar o potencial transformativo de conflito (...).

Nesse sentido, mudar a concepção que se tem de conflito é necessário para que o mesmo possa ser encarado como uma oportunidade de aprendizagem. Segundo Battaglia (2003),

redefinir a noção de conflito implica no reconhecimento do mesmo como uma parte da vida que pode ser utilizada como oportunidade de aprendizagem e crescimento pessoal. Considerando-se que o conflito é inevitável, a aprendizagem da habilidade em resolvê-los torna-se tão educativa e essencial quanto a aprendizagem da matemática, história, geografia, etc., sendo que, na maioria das ocasiões, as próprias crianças podem resolver seus conflitos de maneira tão adequada quanto com o auxílio dos adultos.

Os conflitos podem ser classificados de diferentes formas, dependendo da abordagem pretendida. Quanto aos conflitos escolares, uma das possibilidades de classificação é sugerida

por Nebot (2000, p. 81 – 82) apud Chrispino (2007, p. 21). Para esse autor, os conflitos escolares podem ser de origem organizacional, cultural, pedagógico e de atores.

Para a resolução de conflitos que envolvem diferentes sujeitos e relações, o ambiente escolar conta apenas com a “autoridade” do diretor da escola, responsável pela “última palavra”, a decisão, o veredicto. Por vezes, sobretudo quando trata-se de conflitos entre alunos, ou entre alunos e professores (entre pares) a equipe pedagógica é a responsável por “apagar o fogo”.

Nesse contexto, a mediação de conflitos na escola apresenta-se como uma possibilidade que, entre outras, pode tornar possível a resolução se situações de conflito entre os próprios envolvidos, apenas com a presença de um mediador, evitando dessa forma que sejam exercidas relações de poder.

A prática de mediação não tem origem definida, posto que em quase as culturas do mundo são observados registros dessa prática em tempos remotos, como forma de resolver diferenças civis e religiosas. (MOORE, 1998, p. 32).

Pode-se definir mediação com um processo no qual um mediador direciona duas ou mais pessoas na busca pela resolução de um conflito, sem impor ou sequer propor soluções. Segundo Vezzulla (1998),

A mediação é a técnica privada da solução de conflitos que vem demonstrando, no mundo, sua grande eficiência nos conflitos interpessoais, pois com ela, são as próprias partes que acham suas soluções. O mediador somente as ajuda a procurá-las, introduzindo, com suas técnicas, os critérios e raciocínios que lhes permitirão um entendimento melhor. (p. 16)

O mediador, portanto, apenas encaminha os raciocínios para que as partes cheguem a um acordo por meio do diálogo. Outra definição de mediação é a de Moore (1998, p. 28):

A mediação é geralmente definida como a interferência em uma negociação ou em um conflito de uma terceira parte aceitável, (...) que ajuda as partes envolvidas a chegarem voluntariamente a um acordo, mutuamente aceitável com relação as questões em disputa.

Com a mediação no ambiente escolar pode-se, portanto, resolver conflitos sem que se tenha que apelar para uma “instancia” superior (diretor por exemplo), tornando, dessa forma,

os sujeitos em conflito mais autônomos, menos dependentes das decisões de uma terceira pessoa, embora conte com o mediador, que, sem poder de decisão, não tem estabelecido com os sujeitos qualquer relações de poder.

Indicações sobre o clima a partir das percepções dos alunos.

A pesquisa, foi realizada por meio de entrevistas estruturadas com 196 alunos de duas escolas públicas situadas em um mesmo bairro do município de Curitiba, sendo uma estadual, e uma municipal, mediante assinatura prévia dos pais do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram entrevistados alunos de 3º ano, 3ª série e 4ª série da escola municipal, e de 7ª e 8ª séries da escola estadual, sendo, em ambos os casos, alunos do período da manhã.

A partir das percepções que os alunos têm dos problemas que a escola apresenta, dos sentimentos de segurança e insegurança, e da forma como sentem os relacionamentos, será analisado o clima escolar.

As respostas dos alunos da escola estadual indicam a falta de professores como o maior problema que a escola apresenta, sendo citado por 21,8% dos entrevistados. A bagunça/indisciplina aparece em seguida, citada por 13,9% deles, enquanto nenhum problema é percebido por 12,9%. Outros problemas, com incidência menor, foram indicados pelos alunos, como brigas (9,9%), insegurança/violência (8,9%), infraestrutura (6,9%), falta de organização/de regras (5,9%), Aulas maçantes, sempre iguais, desestimulantes/sem qualidade (5,9%), Drogas lícitas e ilícitas (5,0%), O recreio/o lanche (5,0%), Falta de educação de alunos/de professores (5,0%), Alunos (4,0%), Equipe pedagógica (3,0%), Vandalismo/pixação (3,0%), Falta de paciência dos professores (3,0%), Professores descomprometidos (2,0%), Injustiça (2,0%), Falta de inspetores/funcionários (2,0%), Falta de Higiene (2,0%), Preconceito (1,0%), Roubo/furtos (1,0%), Atrasos e faltas dos alunos (1,0%)

Já na percepção de 41,1% dos alunos da escola municipal, índice com maior incidência, a escola não apresenta problemas, enquanto para 22,1% dos alunos desta mesma escola municipal, as brigas representam um problema. Disseram não saber ou não lembrar 15,8% dos alunos. Os problemas citados com menor incidência pelos alunos da escola municipal foram: falta de higiene (5,3%), vandalismo (2,1%) e falta de inspetores/funcionários (2,1%), Alunos (2,1%), Pais e familiares (1,1%), Falta de paciência dos professores (1,1%), Injustiça (1,1%), Falta de organização/de regras claras (1,1%), Roubo/furtos (1,1%), Bagunça/indisciplina (1,1%). Não responderam 5,3% dos alunos.

A partir da análise dos dados, pode-se inferir que na escola estadual, o problema mais citado, a falta de professores, possivelmente é o fator que desencadeia outros problemas, também citados pelos alunos, como a bagunça/indisciplina, a insegurança/violência, entre outros. Retomando a classificação dos conflitos de Nebot (2000, p. 81 – 82) apud Chrispino (2007, p. 21), e considerando os apontamentos a partir da análise de dados, pode-se inferir que uma das causas de conflitos que interferem no clima escolar da escola estadual investigada é de origem organizacional, ou seja, envolve a gestão/organização da escola.

Já na escola municipal, os dados apontam para conflitos que Nebot (2000, p. 81 – 82) apud Chrispino (2007, p. 21) classificaria como entre atores, no caso, entre os alunos. Considerando a faixa etária desses participantes, entre 7 e 12 anos, destaca-se o potencial de construir com os alunos uma “cultura de mediação”. Tal construção é viável também entre os adolescentes, porém se torna mais complexa. Segundo Chrispino (2007, p. 23):

É possível, também pensar na introdução do tema mediação de conflito no currículo escolar, o que seria uma oportunidade para verbalizar a questão e tornar claro o que se espera dele – o jovem – no conjunto de comportamentos sociais. De outra forma, é dizer ao jovem e à criança que suas diferenças podem transformar-se em antagonismos e que, se estes não forem entendidos, evoluem para o conflito, que deságua na violência. Cabe ressaltar que esse aprendizado e essa percepção social, quando ocorrem com o estudante, são para sempre.

Em um ambiente em que há grande diversidade cultural, e em que as identidades estão se constituindo, como no ambiente escolar, os conflitos entre os sujeitos são inevitáveis. A forma como esses conflitos são resolvidos (ou não) influenciam as relações interpessoais, a relação do sujeito com a escola e conseqüentemente, o clima escolar.

Quando tais conflitos ocorrem entre professores e alunos, e não são resolvidos de maneira satisfatória, as conseqüências podem ser decisivas de forma mais ampla, ou seja, podem minar tanto a docência do professor e seu bem-estar na escola, quanto o aprendizado do aluno e sua percepção sobre a própria escola. Buscando conhecer como os alunos das escolas pesquisadas percebem sua relação com os professores e com os colegas, foram feitas as seguintes perguntas: Como é sua relação com os professores? Como é sua relação com seus colegas?

As respostas dos alunos - 43,6% na estadual e 53,7% na municipal - consideram a relação com o professor “boa”. Percebem como “excelente” a relação com os professores, 26,7% dos alunos da escola estadual e 33,7% dos alunos da escola municipal. A relação com

os professores é “regular” na percepção de 26,7% dos alunos da escola estadual e 8,4% dos alunos da escola municipal. Para 3,0% dos alunos da escola estadual e 3,2% dos alunos da escola municipal, a relação com o professor é “ruim”, enquanto para 1,1% dos alunos da escola municipal consideram sua relação com o professor “péssima”. Tal resultado pode indicar que os conflitos entre professores e alunos nestas escolas estão sendo resolvidos de maneira satisfatória.

Quanto à percepção dos alunos sobre a relação com os colegas, a maioria dos alunos (53,5% na estadual e 66,3% na municipal) considera a relação com seus colegas “boa”. Percebem como “excelente” a relação com os colegas 31,7% dos alunos da escola estadual e 24,2% dos alunos da escola municipal. A relação com os colegas é “regular” na percepção de 11,9% dos alunos da escola estadual e 7,4% dos alunos da escola municipal. Para 1,0% dos alunos da escola estadual a relação com os colegas é “ruim”, mesmo índice de alunos que alegam, nessa mesma escola, que a relação com seus colegas é “péssima”, ou que disseram não saber.

Tal resultado pode indicar que os conflitos entre os alunos nestas escolas estão sendo resolvidos sem maiores problemas, com uma ressalva em relação as respostas dos alunos da escola municipal: Se 90,5% dos alunos tem uma avaliação positiva sobre a relação com os colegas (excelente ou boa), e 7,4% percebem a relação como “regular” (ruim e péssima não forma citadas, e 2,1% disseram não saber), por que motivo os mesmos alunos apontam as brigas (22,1%) como o maior problema que a escola apresenta?

Foi investigada também a percepção dos estudantes quanto aos sentimentos de segurança e insegurança. Foi-lhes solicitado que classificassem como se sentem na escola, e se sentem medo na escola, tendo como opções “nunca” (sentem-se bem na escola), “às vezes” (sentem-se bem na escola), ou “sempre” (sentem-se bem na escola).

O percentual dos alunos da escola estadual que dizem nunca sentir-se bem na escola é de **9,52%**, enquanto 66,6% dos alunos dizem às vezes sentir-se bem na escola. Afirmam sempre se sentirem bem na escola 23,8% dos alunos.

Ainda na escola estadual, 71,42% dos alunos dizem nunca sentir medo na escola. Às vezes sentem medo, 19,04% dos alunos, enquanto **9,52%** alegam sempre sentir medo.

Considerando os percentuais idênticos, destacados nos parágrafos acima, pode-se inferir que a sensação de medo que 9,52% alegam sentir **sempre** pode estar relacionada aos 9,52% dos alunos que diz **nunca** se sentirem bem na escola, ou seja, os conflitos, evoluindo

para a violência e gerando medo, interferem diretamente na relação dos alunos com a escola, e, portanto, no clima escolar.

Na escola municipal, o percentual dos alunos que dizem nunca sentir-se bem na escola é de 9,09%, enquanto 36,36% dos alunos dizem às vezes sentir-se bem na escola. Afirmam sempre se sentirem bem na escola **54,54%** dos alunos.

Ainda na escola municipal, **54,54%** dos alunos dizem nunca sentir medo na escola. Às vezes sentem medo, 22,72% dos alunos, enquanto 22,72% alegam sempre sentir medo.

Na escola municipal também aparecem índices idênticos, destacados nos parágrafos acima. O mesmo índice (54,54%) de alunos que diz sempre se sentir bem na escola, nunca sente medo na escola, ou seja, pode-se inferir que a sensação de segurança que faz com que 54,54% dos alunos **nunca** sintam medo na escola influencia diretamente na sensação de bem-estar que permite que esse mesmo índice responda que **sempre** se sente bem na escola.

Considerações finais

A análise dos dados possibilitou uma visão geral de alguns dos vários fatores que determinam o clima escolar, tais como falta de professores, indisciplina, violências, sensação de segurança, entre outras. As relações interpessoais, outro fator determinante do/no clima escolar, é percebida pelos alunos de forma positiva.

Quanto as possibilidades da mediação de conflitos como estratégia para melhorar o clima escolar, considerando a reflexão dos autores utilizados e a análise dos dados coletados, destaca-se que o potencial de estabelecer, ou mesmo restabelecer relacionamentos de confiança e respeito entre as partes até então em conflito é uma das características que faz da mediação uma estratégia adequada para a resolução de conflitos na escola. Para Moore (1998, p. 28), “além de lidar com questões fundamentais, a mediação pode também estabelecer ou fortalecer relacionamentos de confiança e respeito entre as partes (...)”. Outra característica é a possibilidade de, por meio da mediação, desenvolver habilidades que permitam que o próprio sujeito passe a gerenciar os conflitos.

Cabe ressaltar a necessidade da mudança na forma de se encarar o conflito, para que, por meio de um processo de mediação, o potencial positivo do conflito seja exercido, impedindo que do conflito se origine a violência. Guimarães (apud Sales e Alencar, 2004, p. 92), considera os conflitos normais, sem que apresentem, necessariamente, um caráter positivo ou negativo, sem características que os tornem maus ou ruins. Para esse autor, “é a

resposta que se dá aos conflitos que os torna negativos ou positivos, construtivos ou destrutivos. A questão é como resolvemos os conflitos, se por meios violentos ou não-violentos.” Segundo Muszkat (2003) apud Loos e Zeller (2007, p. 282), “a violência não é a consequência necessária de um conflito, mas o testemunho da dificuldade de conviver com a diversidade e encontrar soluções satisfatórias para administrá-las.” Nesse sentido, a mediação, se apresenta como uma possibilidade para a gestão dos conflitos na escola.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. et al. **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, 2002.

ABRAMOVAY, Mirian; RUA, **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, 2005.

BATTAGLIA, Maria do Céu Lamarão. **Mediação escolar: uma metodologia de aprendizado em administração de conflitos**. Disponível em: <<http://www.rogeriana.com/battaglia/mediac01/mediac01.htm>>. Acesso em: 8 jan. 2008.

CHAUI, Marilena. **Uma ideologia perversa**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/dc_1_4.htm> Acessado em: 12 mar. 2009.

CHRISPINO, Álvaro. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Jan./Mar. 2007, vol.15, no.54, p.11-28. ISSN 0104-4036. Acessado em 14 agosto 2008.

CNBB/ Campanha da Fraternidade 2009: **Texto-Base**. Brasília, Edições CNBB. 2008.

EYNG, Ana. Observatório de Violências nas Escolas: pesquisa e intervenção. **Revista Igualdade**. Livro 42. Ano XIV, nº XLII, 2007.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

FERNÁNDEZ, Isabel. **Prevenção da violência e solução de conflitos: o clima escolar como fator de qualidade**. São Paulo, Madras, 2005.

LOOS, Helga; ZELLER, Thomas Josef Vincenz. Aprendendo a “Brigar Melhor”: Administração de Conflitos sem Violência na Escola. **Interação em Psicologia**, Curitiba, jul./dez. 2007, (11) 2, p. 281-289

LUCINDA, Maria da Consolação; NASCIMENTO, Maria das Graças; CANDAU, Vera Maria. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Ática, 1986.

MOORE, Christopher W. **O processo de mediação: estratégias práticas para a resolução de conflitos**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SALES, Lília Maia de Moraes; ALENCAR, Emanuela Cardoso Onofre de. Mediação de conflitos escolares – uma proposta para a construção de uma nova mentalidade nas escolas. **Pensar**, Fortaleza, v. 9, n. 9, p. 89-96, fev. 2004. Acessado em 14 agosto 2008. Disponível em: <http://www.unifor.br/notitia/file/1681.pdf>

UNICEF. **O Direito de Aprender: Potencializar avanços e reduzir desigualdades**[coordenação geral Maria de Saete Silva e Pedro Ivo Alcântara]. – Brasília, DF., 2009.

VENTURA, Alexandre. **Clima de trabalho e eficácia da escola**. São Paulo, Àtica, 1999.

VEZZULLA, Juan Carlos. **Teoria e prática da mediação**. Curitiba: IMAB, 1998.